

A MEDIAÇÃO NA LEITURA DE LITERATURA: PALAVRA FALADA NA ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS PELOS(AS) APRENDIZES

Maria Danúbia de Moura Lima¹
Francineide Batista de Sousa Pedrosa²
Rayonnara Késsia de Souza³

RESUMO

A leitura de literatura na sala de aula é de fundamental importância na formação dos sujeitos; ler desperta a compreensão e expande a capacidade criadora, pensante, imaginativa, leva-os a vivenciarem outros universos, liberta o pensamento e as possibilidades de diálogo por meio das experiências significativas. A mediação pedagógica favorece a relação entre texto, leitor e mundo, provocando uma transformação no processo de reflexão. Ao ler literatura entramos em contato com os diversos aspectos históricos, sociais, intelectuais e humanos. Para a discussão da temática, partiu-se do seguinte questionamento: qual a importância da prosódia na mediação da leitura de literatura? Traçou-se como objetivo geral compreender a atribuição de sentidos ao texto literário por meio da mediação pedagógica; e como objetivos específicos analisar a leitura de literatura a partir dos sentidos atribuídos pelos(as) aprendizes no ato da escuta do texto literário; e discutir a importância da prosódia na mediação das aulas de leitura de literatura. A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental na cidade de Natal/RN, e a metodologia utilizada para as sessões de leitura baseou-se no processo de andaimagem. Os dados mostraram que a leitura de literatura quando mediada por meio do planejamento efetivo das ações realizadas, desperta no(a) leitor(a) os processos simbólicos de aproximação com a cultura letrada, desenvolve os aspectos cognitivos como atenção, memorização, reflexão, percepção, afetividade, imaginação, bem como os aspectos lúdicos, poéticos e criativos.

Palavras-chave: Leitura de Literatura, Mediação Pedagógica, Prosódia, Atribuição de sentidos, Aprendizes.

INTRODUÇÃO

A literatura humaniza, liberta, expande a compreensão de si, do outro e do mundo; torna o sujeito criativo e pensante, capaz de imaginar e vivenciar outros universos sem sair do lugar; cria em nós possibilidades de dialogar com diversas realidades. Segundo Amarilha (2010), a literatura é a arte da palavra, e como tal, ela faz parte do ser humano, em um processo comunicativo capaz de promover o diálogo por meio de experiências significativas.

A literatura é fenômeno criativo que representa o mundo através da palavra e que, neste movimento artístico, comunica nossos anseios/sonhos aos outros e, ainda nos ajuda a refletir

¹ Especialista em Literatura e Ensino pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, danubialima47@gmail.com.

² Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, neidebatista15@gmail.com;

³ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Professorarayonnarak@gmail.com.

sobre a vida e as situações desafiadoras que a perpassam. Desse modo, é fundamental o trabalho com o texto literário pois ele agrega conhecimento a vida de quem lê.

A escolha pela prosódia justifica-se por ser expressão sonora de um recurso que quase toda a classe docente possui - a voz. Voz que promove o eco da abolição dos padrões, que possibilita explorar os sons escondidos na escrita, que comunica e promove o diálogo. Valorizamos a experiência de leitura em voz alta e grupal – compartilhada, pois ler histórias dessa forma combina experiências simbólicas, sociais e educativas (Amarilha, 2013).

O trabalho intitulado “A mediação na leitura de literatura: palavra falada na atribuição de sentidos pelos aprendizes” é resultado dos estudos desenvolvidos no campo da literatura e mediação pedagógica. A temática faz parte das vivências no grupo de pesquisa “Educação, Comunicação, Linguagem e Movimento” da UFRN, que desenvolve, dentre outros, trabalhos sobre a importância da mediação pedagógica, de modo a promover a formação leitora na escola.

Delineamos como objetivo geral compreender a atribuição de sentidos ao texto literário por meio da mediação pedagógica; e como objetivos específicos analisar a leitura de literatura a partir dos sentidos atribuídos pelos(as) aprendizes no ato da escuta do texto literário; e discutir a importância da prosódia na mediação das aulas de leitura de literatura.

O trabalho tem como metodologia a pesquisa qualitativa em educação, com características de intervenção, ancorada na metodologia da andaimagem (Graves e Graves, 1995). Foram realizadas 3 sessões de leitura com o livro “Obax” (Neves, 2012), em uma turma de 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Natal/RN.

Destacamos o valor da prosódia na mediação para as aulas de literatura na formação de leitores(as), pois percebemos que a mediação pedagógica é uma ação que nasce a partir da relação com o mundo, em seus aspectos históricos e culturais, implicando na construção de sujeitos autônomos que transformam o seu meio em um processo de reflexão.

A mediação pedagógica constrói elos de aprendizagem entre docentes e discentes. É o(a) professor(a) que interage de perto com os(as) alunos(as), que acompanha cotidianamente, observando avanços e dificuldades. Por ser este um par mais experiente é a voz dele que serve de referência na constituição de opiniões.

METODOLOGIA

A metodologia consiste em um trabalho de campo, com abordagem qualitativa em educação, e características de intervenção; pois além de compreender, essa abordagem objetiva

intervir na realidade sendo uma forma de ação planejada de caráter social e educacional (Thiollent, 2000, Apud Faria, 2014, p. 28). Foram instrumentos de coleta de dados: a observação, o diário de campo e a gravação em vídeo de uma sessão de leitura.

Adotamos a metodologia da andaimagem para a intervenção na sala de aula com o texto literário. Segundo Graves e Graves (1995) essa metodologia incita a participação ativa do sujeito antes, durante e depois da leitura, e organiza-se em dois momentos: planejamento e execução. No primeiro, conhecemos o meio, os sujeitos e elaboramos um programa a ser executado. No segundo, damos cumprimento ao planejado, valorizando a participação ativa e a postura intelectual de pensar o texto e as palavras.

Graves e Graves (1995) subdivide a etapa de execução em três momentos. Pré-leitura: que propõe atividades de motivação para a leitura do texto; levantamentos de hipóteses; ativação dos conhecimentos prévios; pré-ensino de vocábulos e conceitos; relação texto-vida; construção do conhecimento. Leitura: inclui a leitura silenciosa, em voz alta, em grupo, individualizada, guiada, feita pelos(as) estudantes. Pós-leitura: momento em que se retoma as hipóteses levantadas; escrita; desenhos; e, sobretudo, a discussão do texto.

Foram realizadas seguindo a experiência de leitura com andaimes, 3 sessões de leitura a partir da obra “Obax” (Neves, 2012); das três sessões, a segunda foi gravada em vídeo, para posterior análise e interpretação dos dados; as demais foram registradas no diário de campo. A seleção do livro se deu por ser uma obra disponibilizada pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, e constar na biblioteca escolar, apresentar excelente projeto gráfico, qualidade nas ilustrações e texto conotativo promovendo a plurissignificação pelos aprendizes.

O lócus da pesquisa foi uma escola pública da rede municipal de ensino da cidade de Natal-RN, que atende alunos(as) dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A estrutura física da escola dispõe de um espaço amplo e oferece atividades planejadas para as crianças.

A escola apresentava um espaço acústico ruidoso, o que dificultou o trabalho com a leitura oral em sala de aula; e em um ambiente onde muitos falam ao mesmo tempo, pouco se consegue entender sobre o que é dito (Amarilha, 2013); o que Schafer (2011) chama de paisagem sonora de baixa fidelidade.

Escolhemos uma turma do 5º ano, por entender que o processo de alfabetização dos(as) discentes estivesse melhor consolidado. A turma funcionava no turno vespertino e constituía-se de 25 aprendizes, dos quais 12 tiveram participação ativa e foram identificados com pseudônimos para preservar as identidades dos sujeitos. Todas as participações foram autorizadas pelos pais/mães ou responsáveis, por meio da assinatura de documentos.

Por entendermos que o trabalho com o texto literário se dá através dos sentidos fez-se indiscutível o uso da observação que ocorreram no contexto da sala de aula com o intuito de “identificar e descrever as interações e processos humanos” entre os(as) envolvidos(as) (Vianna, 2003, p. 12).

Foram observadas durante as aulas que os(as) aprendizes viviam experiências de leitura silenciosa, em voz alta, compartilhada; todavia, após o término da leitura, pouco havia discussão. Relatavam o que mais tinham gostado e silenciavam. E mesmo com a intervenção da professora para que a discussão fosse ampliada, havia um silenciamento na turma. Esse fato chamou bastante atenção, pois a discussão do texto agrega muitos conhecimentos. Afinal, é a discussão do lido que ajuda a internalizar o aprendido, a (re) pensar e perceber novos horizontes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A leitura para Jouve (2002, p. 17) “é uma atividade complexa, plural que se desenvolve em várias direções”. Direções que o autor especifica como: neurofisiológica, afetiva, cognitiva, argumentativa e simbólica.

Na direção neurofisiológica a leitura se apresenta como um processo biológico, que envolve o aparelho visual e as diferentes funções cerebrais. Ler é uma “operação e percepção, de identificação e memorização dos signos” (Jouve, 2002, p. 17). Segundo o autor, na direção afetiva, envolve o engajamento do(a) leitor(a) com o texto, promovendo o jogo ficcional. Na cognitiva, há a percepção e decifração do texto, ou seja, faz-se o movimento de entender, compreender o lido para prosseguir na leitura. Na argumentativa, o texto interpela um processo de argumentação que pode vir do próprio texto ou da relação ente ambos. Na direção simbólica, o ato de ler suscita o diálogo com a cultura, a história e o imaginário coletivo.

Portanto, podemos reafirmar que ler é uma atividade complexa. Smith (2003) defende que a leitura nasce da interação entre o leitor e o texto qualificando-se como atividade carregada de pensamento. Corroboramos com esta assertiva, uma vez que, ler nos reaproxima da vida (minha e do outro) promovendo o processo de humanização sensível.

Por sua vez, Yunes e Oswald (2002, p. 10), afirmam que “as palavras vivem entre os homens e a ninguém pertence com exclusividade”; sendo assim, a palavra nasce em meio às relações sociais, em meio à cultura e história de um povo e de uma nação.

A sala de aula deve ser ambiente de discussão entre os sujeitos para que construam pensamentos divergentes, e saibam argumentar seu ponto de vista, oferecendo as crianças atividades que favoreçam a leitura como experiência. “A noção de leitura como experiência é

favorecida enormemente pela opção de tratar com a literatura, com a ficção. Nelas o sujeito se experimenta e se transforma enquanto transforma o texto”. (Yunes e Oswald, 2002, p. 14).

A literatura carrega singularidades devido a relação entre o texto lido e as situações que vivenciamos. Para Pound (2006, p. 33-36), a “literatura é novidade que PERMANECE novidade” (grifo do autor) e “se a literatura de uma nação entra em declínio a nação se atrofia e decai”. Acreditamos que a literatura comunica, e é carregada de significados.

Barthes (2013, p. 11) aponta que “o prazer da leitura ocorre pelas rupturas que o texto provoca”. É “o leitor que colabora com o texto quando preenche os vazios com seu repertório de vida”, diz Amarilha (2011, p. 142). Deste modo a relação “autor-texto-leitor” (Iser, 1979, p. 106) consiste num jogo ficcional. A interação entre ambos perpassa os grilhões da criatividade.

Sobre essa experiência Jauss (1979, p. 101-102) evidencia três categorias de fruição estética: Poiesis: Em face de sua própria obra, o(a) criador(a) assume papel de leitor(a) ou observador(a), segundo o qual o indivíduo, pela criação artística, satisfaz sua necessidade de convertê-la em sua obra particular. Aisthesis: compreende a recepção prazerosa do objeto estético como visão intensificada, sem conceito ou, através do processo de estranhamento apresentando visão renovada da obra. Katharsis: serve de mediadora das normas de ação da leitura libertando o(a) espectador(a) dos interesses práticos e das implicações do seu dia a dia, construindo no(a) leitor(a) a capacidade de julgar.

A leitura de literatura perpassada pela experiência estética, em função da linguagem, permite ao(a) leitor(a) vivenciar emoções, pensamentos, percepções e sensações diversas configuradas na subjetividade humana. Neste estudo, priorizamos a utilização de estratégias de leitura oral e compartilhada. Amarilha (2010) revela que o texto lido oralmente é duplamente exigente, pois revela a voz do escrito impregnado por suas experiências de vida.

Diante disso, a prosódia contribui na escolha sonora que o(a) mediador(a) de leitura faz, trazendo a este(a), maior domínio sobre o texto quanto aos elementos prosódicos, como também confere confiança para modificar o texto com sua entonação, colocando a roupagem escolhida para partilhar com os(as) aprendizes. Entendemos por prosódia: “Modulação da altura, intensidade, tom, duração, e ritmo da leitura oral de um texto pautada em sua coesão e coerência” (Castello-Pereira Apud Amarilha, 2010, p. 98).

Entendemos que “Obax” (Neves, 2012) possui elementos prosódicos em sua composição. São estes: expressividade, entonação, fraseado, pausa e acentuação que, quando explorados pela voz, podem contribuir para a compreensão do(a) leitor(a)/ouvinte.

Para utilizar com segurança a prosódia faz-se necessário planejá-la, pois, através do planejamento, da expressividade e entonação, a leitura em voz alta garante a fluidez na

sequência de ideias, possibilitando a brincadeira e aproximando o texto literário. O(a) professor(a) nesse trabalho é compreendido(a) como mediador(a) experiente, por ter amplo repertório de leitura e condições de oferecer apoio no processo de ensino e aprendizagem.

Fontana (2000) concebe o(a) professor(a) mediador(a) como inspirador(a) para o(a) aluno(a), pois facilita a aquisição do conhecimento unindo os conceitos sistematizados e organizados pela instituição escolar aos conceitos espontâneos - aqueles que as crianças já possuem quando chegam à escola.

Portanto, a mediação é ação intencional e sistematizada que se direciona para a internalização dos conhecimentos construídos pela humanidade; a interação entre o adulto e a criança “é uma relação de ensino, cuja finalidade - ensinar/aprender - é explícita para seus participantes” (Fontana, 2000, p. 21). Deste modo, os(as) mediadores(as) intervêm em conflitos cognitivos, partindo do conhecimento real dos(as) alunos(as) em função do conhecimento novo que pode ser internalizado.

RELATO DAS SESSÕES DE LEITURA: RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro *Obax* (Neves, 2012) recebeu o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil em 2011. A história tecida com palavras e imagens revela a capacidade inventiva de uma menina africana que vive com sua família em uma aldeia situada no oeste da África. Uma leitura que envolve as crianças por meio das ilustrações e agrega significados diversos pela escolha lexical.

Na primeira sessão de leitura, um dos objetivos da aula era desenvolver a capacidade de relacionar o texto em sua multimodalidade (título e capa). Apresentamos as crianças as perguntas motivacionais acerca da África, já que ela é paisagem para a história; apresentamos também o autor e exploramos a capa do livro. Lançamos os seguintes questionamentos: Em qual país vocês acham que a história será vivida? Por quê? Os(as) aprendizes responderam: “Já conhecemos coisas da África professora, vimos no início do ano. (Milena, 1ª sessão de leitura - *Obax* - Diário de Campo)”; outro aprendiz comenta: “sabia que já teve copa do mundo lá? (Henrique, 1ª sessão de leitura - *Obax* - Diário de Campo)”.

As respostas evidenciam conhecimentos prévios sobre o continente africano que já foi o centro do mundo em um evento esportivo. Estas relações demonstram que em algum momento existiram diálogos sobre esses eventos; inferimos que eles(as) assistiram reportagens em transmissão televisiva. O que as crianças não sabiam é que a história de *Obax* se passa no oeste africano, região oposta ao país que sediou a copa do mundo em 2010.

Quando questionados sobre o autor: Vocês conhecem André Neves? Ele tem livros publicados e neles há histórias excelentes, alguém conhece alguma dessas histórias? Percebemos que alguns acenavam com a cabeça em sinal de positivo, e recordaram da leitura do livro Lino, feita meses antes pela professora regente. “Lemos o livro dos brinquedos animados. Um verde que tem uma coelhinha. (Rayane, 1ª sessão de leitura - Obax - Diário de Campo)”. Rayane recorda os personagens e o cenário em que se passa a história de Lino. Atentamos, pela destreza da resposta, que essa leitura chamou a atenção dela.

Como motivação inicial para a exploração da capa do livro e do título, realizamos as perguntas: 1. O livro que vamos começar a ler chama-se “Obax”, alguém sabe o que essa palavra significa? 2. Será que essa palavra “Obax” é da língua portuguesa? De qual outra língua ela pode ser originária? 3. Obax é o nome de um lugar? De uma pessoa? Por que você acha isso? 4. Como você acha que é esse lugar/pessoa? Em resposta escutamos: “Parece com o nome do carro ônix, minha mãe disse que é uma pedra preta. Obax deve ser preta professora, porque na África tem muitos pretos. (Thábata, 1ª sessão de leitura - Obax - Diário de Campo)”.

A partir da sonoridade entre palavras, a aprendiz estabelece relação de associação com outro vocábulo, e institui a cor da pedra com a do povo africano. Tendo por base que o(a) professor(a) mediador(a) ajuda em conflitos cognitivos, por ser um par experiente (Vygotsky, 1989), fez-se necessário romper com as generalizações acerca de posicionamentos como este, esclarecendo que nós, miscigenados, temos raízes negras, e que a negritude não consiste apenas na cor da pele. Em outra associação referente ao título da obra, o aspecto religioso é suscitado: “Eu acho que é o nome de um dos deuses deles. Um forte, porque tem nome estranho. Queria ir na África perguntar o porquê de nomes tão diferentes (Erick, 1ª sessão de leitura - Obax - Diário de Campo)”.

Percebemos que o aspecto linguístico chamou a atenção do aprendiz. Provavelmente, devido a escrita e pela leitura oral (sonoridade) da palavra. De modo que o desejo por conhecer o novo foi suscitado. A literatura causa esse impacto, instigando o(a) leitor(a) a buscar respostas para questionamentos interiores.

A ação de ir (mover-se) sinaliza que precisamos de leitores que, de fato, vão e descubram o mundo. O(a) professor(a) é o primeiro a dar exemplo de ir à África, através das viagens que a literatura oferece. O texto literário, segundo Amarilha (2013), funciona como objeto transicional, no qual se projeta um problema entre a realidade e a representação dela.

Sobre a pergunta que indaga como eles imaginavam Obax, as crianças elencaram diversas hipóteses, tais como: “Eu acho que Obax é um homem negro, alto e forte. (Erick, 1ª sessão de leitura - Obax - Diário de Campo)”. Erick partiu do princípio de que Obax era um

homem negro, forte e alto, e foi muito interessante perceber a reação dele ao ver a capa do livro em que Obax é uma menina, pequena e magra. Ocorreu uma quebra drástica na hipótese levantada. Nestes casos, é necessária a atenção dos(as) educadores(as) para que o aprendiz não ache que errou uma pergunta, e incentivá-lo a brincar com aquilo que não se sabe e aos poucos ir percebendo os sinais dados pelo texto, possibilitando certos entendimentos.

Outra criança inferiu que: “Obax deve ser uma rainha africana, rica porque tinha muitas pedras preciosas. (Nicolly, 1ª sessão de leitura - Obax - Diário de Campo)”. Anteriormente, Thábata já havia falado de uma pedra valiosa; apoiada na hipótese da colega Nicolly retoma uma colocação acrescentando o status de rainha, alguém que possui poder aquisitivo, provavelmente, joias. A discente pode ter mencionado o título de rainha pelo contato com os contos de fadas em que esse contexto é bastante comum.

Após a apresentação da capa eles(as) surpreenderam-se com a figura de Obax. Este romper com os horizontes de expectativas do(a) leitor(a) é um jogo interessante quando objetiva o crescimento lúdico que se estabelece a partir da obra.

Outro momento significativo foi quando lemos o título da obra várias vezes seguidas, em voz alta, voz baixa, rápido e lento. Esta brincadeira sonora envolveu os educandos de tal modo que Vegeta indagou: “Vai professora, continua cantando (Vegeta, 1ª sessão de leitura - Obax - Diário de Campo)”. Embora, estivéssemos lendo em voz alta em modalidades de ritmo e tempo diferentes, o título não se caracterizou em música. É provável que o trabalho com a oralidade tenha brincado com aspectos sonoros, o que ainda não é o bastante para ser música. A voz da mediadora talvez tenha levado Vegeta a viver uma experiência estética, visto que esta implica na participação dos sentidos - audição e visão - que foi intensificada pela valorização da oralidade e impressa a partir de um planejamento prosódico.

Na segunda sessão de leitura tínhamos como objetivos: escutar o texto por uma mediadora de leitura; e discutir os temas presentes na história (atividade oral). Propusemos na pré-leitura as seguintes perguntas: 1. O que vocês acham que vai acontecer na história? Como vocês imaginam a família de Obax? E seus amigos? Ela teria irmãos? 2. Alguém cria algum animal de estimação? Qual? E o nome deles? 3. Vocês pensam que Obax teria animais de estimação em sua casa? Quais? 4. O que vocês mais gostam em serem crianças? De que gostam de brincar? 5. Quais seriam as brincadeiras preferidas da Obax?

A partir dos questionamentos, os(as) aprendizes foram interagindo com a professora nesse exercício mental de prever o que poderia acontecer na história. Nesse sentido, Smith (2003) apresenta a previsão do texto como uma habilidade a ser desenvolvida nas aulas de leitura. Para constituir a família de Obax as crianças tiveram como base suas famílias; às

brincadeiras preferidas delas também eram as da personagem; os animais de estimação citados faziam referência aos da fauna africana, tais como: leão, elefante, zebra, girafa.

De maneira geral a pré-leitura, nesta sessão, revelou que as situações reais dos aprendizes subsidiaram as respostas dadas; ou seja, o universo real foi transposto pelos leitores(as) como previsão do que constaria no texto.

Para o desenvolvimento da leitura, o texto foi digitado para que os(as) aprendizes, inconscientemente, construíssem suas imagens mentais para cada palavra. E depois da leitura silenciosa por eles, o texto foi lido pela mediadora com o auxílio da lousa interativa e apresentando as ilustrações. A leitura oral contou com um planejamento prosódico cuidadoso, uma vez que a prosódia interfere na significação do texto e marca com a voz as escolhas da mediadora para tal momento. No jogo sonoro ganham as modalidades de altura, ritmo, pausa e entonação que atraem os ouvidos exigentes dos(as) leitores(as). Esta experiência estética ocorre pelos sentidos e apropria-se do texto para responder as sensações particulares de cada leitor(a).

Durante a pós-leitura foram retomadas as hipóteses levantadas e apresentadas as seguintes perguntas: 1. O que vocês haviam pensado sobre a história se confirmou? O que aconteceu de diferente? 2. O que vocês sentiram ao ouvir a história? Os(as) alunos(as) foram relatando o que tinha sido previsto e o que não havia se confirmado. Embora a discussão não tenha ocorrido facilmente, necessitando da intervenção da mediadora em diversos momentos, os(as) aprendizes foram expondo o seu pensamento sobre o texto literário lido. Acreditamos que este ensaio de expor seu ponto de vista, necessitando defendê-lo é uma oportunidade a ser explorada nas aulas, visto que, a formação de sujeitos críticos e reflexivos implica que consigam argumentar sobre determinadas situações.

Os(as) educandos expuseram que o texto lido pela professora mediadora era diferente do que haviam lido silenciosamente, promovendo sentimentos distintos em cada sujeito. Para alguns, a alegria foi o sentimento que os envolveu, outros relataram que foi a tristeza; possivelmente, desencadeada pela descrença dos aldeões nas aventuras de Obax.

Na terceira sessão de leitura construimos um Mural Literário para que os aprendizes pudessem refletir, de forma escrita, sobre o questionamento: No livro de Obax fala de uma chuva de flores. Será que podemos fazer chover flores com a nossa imaginação? Usando a criatividade, descreva como é essa chuva, onde ela se dá, quem ela molha, quem ela ajuda. Em resposta as crianças disseram: “Eu imagino uma chuva de flores que são grandes e pequenas de várias cores e diferenças, ela não molha, ela não faz frio, ela só acontece em 2 e 14 de abril (Erick, 3ª sessão de leitura - Obax - Mural Literário)”. Em conversa com Erick descobrimos que dia 2 e 14 de abril são, respectivamente, as datas de aniversário da mãe e da irmã; portanto

deduzimos que essa chuva que não molha e tão pouco faz frio, refere-se a sua vida familiar, que para ele é sinal de segurança. O aprendiz tinha o apoio de ambas nas atividades escolares; era perceptível a atuação delas em seu cotidiano.

Outro aprendiz disse: “A minha chuva de flores é só de flores vermelhas com amarelas. Ela acontece na rua onde eu moro [...] essa chuva não molha só nos perfuma (Vegeta, 3ª sessão de leitura - Obax - Mural Literário)”. Há “chuvas” que acontecem apenas fora da escola, especificamente, na rua do Vegeta e essa chuva não molha, mas perfuma. Inferimos sobre o registro do sujeito que há mais vivências prazerosas fora da escola que dentro dela.

Em situações anteriores o educando esboçava desinteresse pelos estudos. Com o texto literário, Vegeta iniciou o processo de ler por prazer. Percebemos um avanço desse aprendiz, que no começo da pesquisa não acompanhava a leitura, mas depois estava escrevendo suas experiências. O resultado para este avanço consiste, possivelmente, na ação mediadora, que auxilia o aprendiz no desenvolvimento das operações cognitivas superiores, tais como: hipotetizar, memorizar, prever, verificar informações e selecioná-las.

Ainda sobre o Mural Literário, outro aprendiz traz uma resposta diferenciada:

Estava eu e meu amigo voltando pra casa depois de uma longa tarde de aula quando de repente o chão começou a tremer. As nuvens se fecharam o fim da tarde de repente tornou noite e começou a cair pétalas flores variadas de vários tipos. Eu e meu amigo começamos a flutuar como se a gente tivesse perdendo a gravidade, mais de repente tudo voltou ao normal eu e meu amigo começamos a cair em queda livre da altura acima das nuvens. Mais não pense que nos caímos no chão, não era o chão mais sim um mar de rosas coloridas. Fui nandando eu e meu amigo até chegar em casa. Quando lá fui dormir, quando acordei tudo estava como antes e eu afirmo que aquele dia foi o dia mais louco da minha vida. (Paulo, 3ª sessão de leitura - Obax - Mural Literário).

Paulo excede as expectativas, pois fez chover com palavras o que sua imaginação criou a partir da experiência de ler literatura. Inferimos que a leitura do texto o moveu a escrever essa breve história tendo como base a experiência de leitura. O texto literário, certamente, é vazado e nestes espaços vamos colocando nossa vida, sentimentos, motivações, esperanças, angústias. Pela experiência estética, o texto lido passa a ser também o que foi escrito pelo leitor(a), e carrega marcas que apenas ele(a) pode atribuir.

Os sujeitos da pesquisa envolveram-se com o trabalho, talvez por ser um texto literário, visto que ele tem potencial inovador, criativo, humano, estético, lúdico e formativo. A recepção da obra permeou a esfera prazerosa, e provocou adesão, assiduidade e participação, suscitando o desejo de ler outros livros literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que ela proporciona caminhos que interligam a realidade ao imaginário do(a) leitor(a), respeitando a capacidade lúdica, poética e criativa. Segundo Amarilha (1997), a literatura educa por oferecer acesso à língua, estabelecer o jogo simbólico e aproximar o sujeito da cultura letrada.

Os dados demonstraram que a leitura de literatura promoveu a participação mais constante dos sujeitos nas aulas; que a experiência de ler em grupo é atividade frequente na sala de aula, embora nem sempre ocorra um planejamento para o momento de discussão no pós-leitura. O planejamento prosódico apresentado na pesquisa fez diferença quando executado, pois, os sujeitos mostraram-se atentos(as) a leitura literária, especialmente, as sonoridades que o planejamento prosódico revelou aos(as) aprendizes. Na percepção sonora do texto aprimorase a capacidade de ouvir e desenvolver o ouvido pensante, aquele capaz de perceber os sons com clareza e refletir sobre eles.

O trabalho docente com o texto literário na escola pressupõe uma mediação pedagógica que considera suas especificidades, promovendo a valorização do texto e os significados que este possa apresentar. É necessário reconhecer a multimodalidade constitutiva do texto literário, explorando o som, a imagem, a palavra, os sentidos construídos e as relações intertextuais, retomando aspectos da cultura dos(as) aprendizes, e permitindo que seus pensamentos construam novos saberes no contexto escolar.

Verificamos que os sujeitos entrecruzam textos e vivências para atribuir sentido à leitura da narrativa poética; e ressaltamos que a partir de um trabalho contínuo, devidamente planejado e mediado, é possível aprimorar o encontro do(a) aluno(a) com a literatura, tendo por base o insistente desejo e necessidade de formar leitores capazes de intervir na sociedade.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Literatura e oralidade: escrita e escuta. In: DAUSTER, Tânia; FERREIRA, Lucena (Orgs.). **Por que ler?** Perspectivas culturais do ensino de leitura. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

_____. Educação para a sensibilidade: a leitura multimodal do poema para a infância. **Revista Educação em Questão** (UFRN. Impresso), v. 41, p. 139-163, 2011.

_____. **Alice que não foi ao país das maravilhas**: educar para ler ficção na escola. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FARIA, Kívia Pereira de Medeiros. **Já li muita coisa, então, posso inventar mais!** A leitura literária e o desenvolvimento do pensamento criativo na infância. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. Campinas: Autores associados, 2000.

GRAVES, M. F.; GRAVES, B.B. **The scaffolding reading experience**: a flexible framework for helping students get the most out of text. In: Reading. April.1995. HAYLES, N. Katherine [et al.]. (Orgs.). Coletânea de Literatura Eletrônica. Vol. I. Out. 2006. Disponível: <http://collection.eliterature.org/1/> Acesso: 20 de maio. 2014.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2. ed. Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2. ed. Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NEVES, André. **Obax**. 2. ed. São Paulo: Brinque-Books, 2012.

POUND, Ezra. **Abc da literatura**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. Tradução Maria Fonterrada et al. São Paulo: UNESP, 2011.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em Educação**: a observação. Brasília: Plano Editora, 2003.

YOGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (org.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.